

D. Jorge presidiu à apresentação de livros sobre o monte sagrado

# Bom Jesus é «tesouro único» que merece maior divulgação



D. Jorge Ortiga e Carvalho Guerra enaltecem trabalho de José Carlos Peixoto e Miguel Louro

José Carlos Lima  
António Silva

O Bom Jesus do Monte «é um tesouro» ainda pouco conhecido internacionalmente e só superficialmente apreciado por muitos dos bracarense», considerou ontem D. Jorge Ortiga, que exortou todos para «a obrigação de darem a conhecer este espaço sagrado, aberto a crentes e não crentes, que ali procurem um sentido mais profundo para as suas vidas». O Prelado falava na apresentação de dois livros da autoria de José Carlos Peixoto, com fotografia de Miguel Louro, que ontem abriu também uma exposição de fotografia sobre esta pérola bracarense, no Centro de Exposições daquela estância.

D. Jorge Ortiga agradeceu aos autores «mais este contributo» para darem a conhecer o incommensurável valor do Bom Jesus, notando que «as obras têm sempre um conteúdo e significado maior quando se coloca alma naquilo que se faz». O titular da Igreja Bracarense destacou o «longo e valioso» programa de actividades, realizado durante deste ano, para assinalar os 200 anos

da conclusão do templo, que considerou como «mais uma oportunidade para que o seu real valor seja conhecido pelas pessoas e pelas instituições de longe e de perto».

As obras contaram com apresentação do professor Carvalho Guerra, catedrático de Bioquímica, antigo vice-reitor da Universidade do Porto e antigo presidente do Centro Regional da Católica do Porto, que não poupou elogios «à literatura agradável e ao manancial de história, que abarca os 400 anos da Confraria do Bom Jesus, acompanhadas por excelentes obras fotográficas do médico e amigo Miguel Louro». O reconhecido académico lembrou o Bom Jesus, como «uma das grandes memórias» que guardava da cidade, quando esteve a estudar no estrangeiro, «a par de São Frutuoso e da Sé de Braga», ou não tivesse ele nascido «debaixo» do Arco da Porta Nova.

Carvalho Guerra destacou ainda o facto de este ser «um local onde o espiritual se casa com o material», num monte sagrado como «não existe nada na Europa que se assemelhe», tendo ao longo dos

séculos sido «admirado por reis, presidentes e escritores», que puderam apreciar o templo, as suas fontes singulares e a extraordinária mistura arbórea da sua mata.

## À espera de «utilidade pública» desde 2001

O também Grande Oficial da Ordem da Instrução Pública questionou, por isso, se «actualmente as autoridades têm feito tudo o que podem para divulgar este pedaço de Céu». «Não poderíamos aproveitar as novas tecnologias, para divulgar ainda mais esta pérola da natureza?», reforçou Carvalho Guerra, incentivando ao trabalho constante da Confraria para «tornar ainda mais apetecível este lugar», que «espera, desde 2001, por ver satisfeito o pedido de atribuição de «utilidade pública», por parte do Governo, para que esta obra imensa possa também concorrer a apoios estatais».

O autor José Carlos Peixoto realçou que todo este projecto começou em 2001, quando D. Jorge Ortiga o convi-

do para integrar a Confraria do Bom Jesus e o incentivou a fazer uma investigação, que está agora materializada nesta «partilha de reflexões e registo histórico de uma estância cheia de património herdado», que «é um grande hino de louvor à natureza». «Tudo o que foi feito, se passou, se realizou, se construiu e se pode admirar no santuário mais perfeito realizado pelo cristianismo e o mais majestoso sacro monte construído na Europa, se deve aos bons officios da Confraria», testemunhou.

No acolhimento aos participantes, o actual presidente da Confraria, João Varanda, lembrou os principais momentos das comemorações, com celebrações, concertos, conferências, exposições e iniciativas ambientais, que tornaram a celebração dos 200 anos da última pedra do santuário, num «ano em cheio para a Confraria», de que o Congresso Luso-Brasileiro do Barroco e o início do processo de candidatura a património mundial da humanidade foram talvez os maiores expontes.